

Da arte de apear-se

Isabel Lustosa

O falecido costureiro Denner, no único livro que deixou publicado, lamentava que uma das suas melhores freguesas, a primeira-dama Maria Tereza Goulart, na correria de deixar o país, após o golpe de 64, vestira-se de maneira absolutamente inadequada, partindo rumo ao exílio a bordo de um flamejante vestido vermelho.

SE NÃO SE CONHECE A MANEIRA CERTA DE UMA primeira-dama trajar ao partir, até hoje também, nenhum manual de boas maneiras se preocupou em orientar sobre a atitude mais elegante que deve adotar um presidente ao deixar o poder. Mormente quando dele apeado à revelia. Esta talvez seja uma tarefa para Danuza Leão. Mas, enquanto esta carência não é suprida o jeito é apelar para a história que está repleta de exemplos a serem lembrados.

O mais antigo é o do imperador D. Pedro II. O velho imperador, na verdade, já andava meio alheado das coisas da política. Quem se segurava mesmo para não cair, naqueles tempos de monarquia constitucional era o primeiro-ministro, Afonso Celso, o Visconde de Ouro Preto. Quando a coisa já estava insustentável, o visconde promoveu uma derrama de títulos nobiliárquicos entre os grandes fazendeiros, tentando com isto garantir-lhes o apoio à causa da monarquia.

Rui Barbosa ironizou o episódio comparando o visconde ao príncipe de Nápoles que só faltava chegar à varanda do Paço Imperial e falar para a multidão: Tutti son fatti barone. De nada adiantou, o visconde caiu mesmo e com ele a monarquia.

Deodoro também caiu. Deposto, disse com mágoa, na carta-renúncia que entregava o cargo ao "funcionário" encarregado de substituí-lo. O "funcionário" era o vice, Floriano, que governou até o final do mandato, apesar da Constituição de 89, que dizia que se o presidente eleito não completasse os dois anos tinha que haver nova eleição. Não houve. Escudado no fato de que tinha sido eleito para os quatro anos, Floriano ficou. Mas como não era assim "nenhuma Brastemp" em matéria de boas maneiras, acabado o mandato, deixou o Itamarati entregue às moscas e voltou para sua casa na Piedade onde ficou aguando as plantas. Quando Prudente de Moraes chegou para tomar posse, o palácio estava totalmente invadido pelo povo, sem nenhum representante do governo para recebê-lo.

Quem saiu debaixo de uma vaia, mas uma vaia tão tremenda, tão unânime que o acompanhou do Catete até a saída do trem da Central rumo a São Paulo, foi o presidente Manuel Ferraz de Campos Sales. A culpa foi da sua política econômica, extremamente recessiva.

Cabe aqui um parêntese: falava-se de Campos Sales que teria corrompido a imprensa, subvencionando jornais para que apoiassem os atos do governo. Mas não se pode dizer que tenha enriquecido no cargo. Ao contrário, poucos anos depois, quando morreu estava arruinado. E o documento mais comovente da simplicidade em que vivia um presidente da República naqueles tempos é a carta de sua mulher para a filha mais velha de seu sucessor, o viúvo Rodrigues Alves. Dona Ana Gabriela promete à sucessora deixar a casa em ordem e faz recomendações do tipo:

Quanto à lavagem de roupa, penso também que a senhora deve começar lavando a roupa fora, até poder ajuizar por si mesma se convém fazer esse serviço em casa. Se quiser recomendarei a lavadeira que me serviu durante quatro anos. É muito séria, muito pontual, lava e engoma muito bem.

Fecha parênteses.

Delfim Moreira fez tudo dlreitinho na hora de passar a faixa para Eptácio Pessoa. Ao final da cerimônia partiu num carro rumo ao hotel. Mas na hora que Eptácio ia dar início à primeira reunião ministerial eis que chega Delfim Moreira de volta. Eptácio levanta. Todo o mundo levanta. Aí Delfim revela que voltou porque tinha cometido uma falha terrível. Esquecera de nomear um parente para uma vaga no Itamarati e agora, quando voltasse para Santa Rita do Sapucaí ia ser o diabo. Eptácio tranqüilizou-o. Ele mesmo faria a nomeação. O tal parente de Delfim era um antepassado do atual ministro da Economia.

Washington Luís, deposto em 30, era um homem elegantíssimo, sóbrio. Na hora de embarcar para o exílio, no entanto, bem na escada do navio, voltou-se para a baía da Guanabara, botou dois dedos na boca e vaiou o Brasil com um sonoro assobio. Getúlio, depois de quinze anos no poder, estava tão acostumado com a coisa que não havia meio de sair. Quando iam caindo os outros ditadores lá pela Europa, ele, fazendo-se de distraído, ia ficando a estimular uns e outros no movimento que ficou conhecido como "queremismo" e que foi uma das primeiras journée de dupes em que se envolveu o velho partidão. O Barão de Itararé, que era comunista mas não era besta, revelou a manobra do artiloso caudilho num poema intitulado "Le Premier" e assinado por um certo Getule Vargues, de l' Academie Brésilienne.

Brésiliens!

Je ne veux pas

Que présider l'election,

Mais si vous tant me voulez, que

faire?

Ó situation!

Je ne suis pas candidate,

Voici la grande verité,

Mais ce gazeties prétandant

Que je digué: "ne serai".

Certains verbes au futur

Je n'aime pas conjuguer;

Laisser d'être père de pauvres

C'est un os dur de rongers.

N'est-ce beaucoup d'espanser

S'il y a tant de "queremistes"

Que je sois - quel diable! -

Le premier de la liste.

Não adiantou nada. No dia 29 de outubro de 1945 lá se ia ele, que nem o seu antecessor, para fora do palácio e do poder.

A dificuldade com a maneira certa de sair talvez esteja ligada à sedução do poder. São poucos os governantes que, apesar das amarguras do cargo, não sentem aquela tristeza, aquela tremenda saudade quando têm que deixá-lo. A grande exceção é mesmo D. Pedro II que, ao ser informado sobre os movimentos para depô-lo, limitara-se a dar de ombros dizendo: "Só me preocupo pelo país, prá mim é uma despachação." Alimentava ele, coitado, a ilusão de que os republicanos iam deixá-lo por aí, a freqüentar as suas sessões no Instituto Histórico e a argüir os professores do Colégio Pedro II. Para evitar as inevitáveis demonstrações de apreço do povo ao velho imperador, os republicanos trataram de embarcá-lo para o exílio, com toda a família, na madrugada de 16 para 17 de novembro. O velho apesar dos resmungos: Eu não sou preto fugido. Não embarco de madrugada, acabou indo mesmo.

Na história mais recente, só mesmo a trapalhada de Jânio com sua figura patética, que fazia a delícia dos fotógrafos. Numa partida que não deu certo, inventou uma renúncia do tipo: olha que vou renunciar, olha que vou mesmo, já vou indo. Foi ali para Cumbica esperar que as multidões ululantes e sequiosas viessem buscá-lo, a ele, ao homem indispensável, ao líder iluminado. Saída de pés trocados, como o personagem. Tremenda egotripe. Não colou.